

# DIÁLOGOS TRANSCULTURAIS ENTRE AUTÓCTONES E ALÓCTONES NO CANADÁ: PARA NOVOS PARADIGMAS<sup>1</sup>

Luciana Rassier<sup>2</sup>  
Jean-François Brunelière<sup>3</sup>

**Resumo:** As múltiplas configurações dos contatos culturais entre populações de diversas origens que podem ser encontradas no Canadá favorecem as reflexões sobre conceitos como multiculturalismo, interculturalismo e transculturalismo, apesar da persistência de certas tendências históricas – como o uso excessivamente sistemático do pensamento eurocêntrico, tradicionalmente baseado em paradigmas binários – e a presença ainda tímida de vozes autóctones na esfera pública. Quando estas últimas são levadas em conta, debates construtivos levam à elaboração de soluções originais (“canadenses”), suscetíveis a responder igualmente a situações relativas ao conviver em outras regiões do mundo. O estudo de diferentes textos canadenses permite apresentar algumas abordagens que se mostram particularmente pertinentes. Assim, Highway (2013) propõe uma análise de paradigmas culturais a partir da mitologia, Sioui (2002) sugere uma reescrita da história dos primeiros contatos do ponto de vista dos autóctones, enquanto Béchard e Fontaine (2016) estabelecem um diálogo epistolar sobre a questão do racismo. Observa-se que os novos paradigmas mais fluídos (IMBERT; BERND, 2015), provenientes da cultura autóctone canadense, colocam novamente em pauta visões de mundo que valorizam o respeito mútuo na coletividade e a relação com a Mãe-Terra.

**Palavras-chave:** Transculturalismo canadense. Autóctones-alóctones. Highway. Sioui. Béchard-Fontaine.

---

<sup>1</sup> Artigo originalmente publicado em língua francesa na Revista Interfaces Brasil-Canadá (v. 17, n. 2, 2017, p. 98-115). Traduzido para o português por Luciana Rassier, Bruna da Silva Inácio e Maria Paula Cruz Fonseca.

<sup>2</sup> Luciana Rassier é doutora em Literatura (UPV, França/UFRGS) e tem pós-doutorado em Literatura, memória e tradução (UFRGS/Université de Rennes 2, França). É professora no Departamento de Língua e Literaturas Estrangeiras na Universidade Federal de Santa Catarina e coordenadora do Núcleo de Estudos Canadenses (NEC-UFSC). Email: luciana.rassier2010@gmail.com.

<sup>3</sup> Jean-François Brunelière é graduado em licenciatura e bacharelado de Letras-Francês pela UFSC e doutor em Estudos da Tradução pela UFSC. É professor de Didática e Ensino de Língua Francesa na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: jean.bruneliere.ufrn@gmail.com.

## TRANSCULTURAL DIALOGUES BETWEEN FIRST NATIONS AND NON-ABORIGINALS IN CANADA: TOWARDS NEW PARADIGMS

**Abstract:** As far as cultural contacts between populations are concerned, the diversity of configurations that can be found in Canada fosters reflections on concepts such as multiculturalism, interculturalism and transculturalism. This is possible in spite of historical trends, such as the systematic use of Eurocentric worldviews, traditionally based on binary paradigms, and the scarcity of Aboriginal voices in the public sphere. But when the latter are considered, rich debates lead to original (“Canadian”) solutions that may also respond to situations that occur in other parts of the world. Through a selection of Canadian texts, we aim to present approaches that seem particularly relevant. Highway (2003) proposes an analysis of some cultural paradigms based on mythology, Sioui (2002) rewrites the very first contacts from the point of view of the Aboriginals, while Béchar and Fontaine (2016) engage in an epistolary dialogue dealing with racism. New and more fluid paradigms (IMBERT; BERND, 2015) emerging from Canada’s Aboriginal cultures are bringing to the forefront worldviews that value mutual respect among the communities and a strong relationship with Mother Earth.

**Keywords:** Canadian Transculturalism. First Nations/Non-Aboriginals. Highway. Sioui. Béchar-Fontaine.

Na continuidade das orientações políticas do multiculturalismo em vigor desde os anos de 1970, o princípio de *accommodement raisonnable* (acomodação razoável) é implementado no Canadá desde a metade dos anos 1980. Ele consiste em afirmar a possibilidade, para os indivíduos, de exercer seus direitos individuais irredutíveis, mesmo quando violam uma regra geral, a partir do momento que esta pode se tornar mais flexível, na busca de uma solução negociada. Suas manifestações mais concretas são ligadas a decisões jurídicas com consequências práticas na maneira como a sociedade gere o conviver. Estendido a comunidades (sobretudo às religiosas, mas também às étnicas), esse princípio começou a ser contestado por certas partes da população (LE MOING, 2016). A lógica de um multiculturalismo que respeita as liberdades estaria potencialmente em conflito com a coesão social tão desejada na província do Quebec?

Daniel Weinstock, especialista em questões relacionadas à ética de políticas públicas, já levantou o problema em 2007, quando evocou uma

recente tomada de posição de grupos intelectuais e políticos quebequenses contra uma política de *accommodements* que julgavam, na época, favoráveis demais à diversidade cultural e religiosa (WEINSTOCK, 2007). As demonstrações de preocupação e descontentamento entre a população eram tantas que uma comissão de consulta sobre as práticas de *accommodation* ligadas às diferenças culturais precisou ser constituída<sup>4</sup> para estudar a questão de modo mais profundo e assim apaziguar o debate. Em seu relatório, ela observou que, entre os indicadores de uma “crise de *accommodements*” no Quebec, podia-se salientar os resultados de uma pesquisa (Léger Marketing, de 15 de janeiro de 2007) segundo a qual “59% dos quebequenses diziam-se racistas” (BOUCHARD; TAYLOR, 2008, p. 28)<sup>5</sup>. O fato de que o racismo, que em geral é dificilmente confessado, apareça de modo tão claro em uma pesquisa é um indicativo de um mal-estar profundo e não pode, de forma alguma, ser tratado como um fenômeno pouco significativo. Além disso, estudos mais aprofundados confirmam que um novo tipo de discurso ideológico vem se contrapor à vontade de integração multicultural. Potvin et al. (2008, p. 264, apud LE MOING, 2016) analisam, assim, o crescimento da dicotomia Nós/Eles na mídia impressa na época em que o relatório de Bouchard-Taylor (2008) foi publicado. Embora esse relatório trate principalmente do atrito ligado às reivindicações de caráter confessional, é preciso reconhecer que, em um contexto em que o racismo atinge também os povos autóctones, o debate sobre os *accommodements raisonnables* e o multiculturalismo continua atual.

Prova disso é a polêmica que eclodiu no *Salon du livre de la Côte-Nord*, em 2015. Ela foi marcante e deu origem a *Kuei, je te salue – conversation sur le racisme*. (BÉCHARD; FONTAINE, 2016). Essa obra é muito esclarecedora em relação ao racismo no Canadá contemporâneo, apresentando os pontos de vista de dois jovens escritores, que dão continuidade a outros autores que apresentaram reflexões originais fundamentadas em paradigmas que se afastam dos padrões dualistas, os quais reproduzem uma visão de mundo eurocêntrica. É o caso em particular de Georges Sioui, que, em um texto intitulado *Le racisme est nouveau en Amérique* (2002), propõe uma visão autóctone das origens do racismo no Canadá e indica um caminho para

---

<sup>4</sup> Instituída no início de 2007, por iniciativa do primeiro ministro do Quebec (QUEBEC, 2007).

<sup>5</sup> As traduções das citações em língua estrangeira são nossas.

combatê-lo, através do conceito de *américisation* (“americização”) das mentalidades. Enquanto o mundo inteiro se interroga sobre como promover a coabitação entre populações de origens distintas – sejam os autóctones brasileiros, sejam os imigrantes rejeitados por Donald Trump ou ainda os que afluem do Oriente Médio para a Europa – as ideias desenvolvidas no Canadá podem ser úteis em muitas outras regiões do globo. E certamente não é uma coincidência que soluções para nosso mundo cada vez mais globalizado surjam precisamente em um país cuja constituição destaca o multiculturalismo e no qual as visões de mundo dos povos autóctones coexistem com aquelas trazidas por fluxos de migrantes que aconteceram em diferentes épocas.

Em sua apresentação a *Envisager les rencontres transculturelles Brésil-Canada*, Patrick Imbert e Zilá Bernd (2015) lembram que o multiculturalismo canadense – que tem como um dos objetivos fundar uma identidade comunitária partindo da pluralidade étnica – propõe, segundo Will Kymlicka (2007), a proteção do grupo minoritário em relação aos funcionamentos homogeneizantes do grupo majoritário, protegendo o indivíduo em relação ao grupo protegido. Eles salientam que o multiculturalismo, assim como o interculturalismo quebequense – que se aplica a “conciliar a diversidade etnocultural com a continuidade do núcleo francófono e a preservação do laço social” (BOUCHARD; TAYLOR, 2008, p. 40) –, relaciona-se frequentemente ao caráter permanente de uma ordem estabelecida que deve ser defendida. O transcultural, em contrapartida, leva em conta o caráter permanente da mudança e pressupõe “como base da cultura, a relação como efeito do outro sobre si e de si sobre o outro” (IMBERT; BERND, 2015, p. 03-04). Dessa forma, Bernd e Imbert enfatizam que:

[o] transcultural visa a recomposição do mundo no reconhecimento das exclusões cometidas pela dominação dos mitos de origem, como o mito do progresso. [...] Esses mitos, ao definir a legitimidade e a homogeneidade dos grupos que concordam sobre o que deve ser excluído, são transportados para narrativas históricas legitimadas pelos estados-nações, os quais difundem para os alunos uma narrativa homogênea hegemônica (IMBERT; BERND, 2015, p. 4).

É exatamente uma perspectiva comparatista, que foge ao dualismo, que adota Tomson Highway para refletir sobre os mitos fundadores dos alóctones e dos autóctones. Em *Comparing Mythologies* (2003), ele aponta

que, em sua língua materna, a palavra *achithoogewin* (correspondente ao neologismo “mitologizar”) situa-se a meio caminho entre os verbos *achimoowin* (“dizer a verdade”) e *kithaskiwin* (“contar uma mentira”). Dessa forma, o dramaturgo, escritor e músico *cri* se interessa pela mitologia, na medida em que ela revela o inconsciente coletivo dos povos, seu modo de viver, sua maneira de pensar mas também de sonhar. Highway analisa as mitologias cristã, grega e *crie* como narrativas que moldaram a sociedade norte-americana: “Eu [além disso] as escolhi porque elas oferecem, ensinam, propagam três maneiras de pensar, relacionando-se aos nossos corpos e a nós mesmos, relacionando-se ao ambiente no qual, e graças ao qual, vivemos, respiramos e andamos” (2003, p. 28). Ele investiga, nessas três narrativas fundadoras, as figurações identitárias dos deuses, o papel assumido pelas categorias do tempo e do espaço – e, neste, a criação do mundo e a ligação dos deuses e/ou seres humanos com o planeta.

Na mitologia cristã, de tempo linear, existe apenas um deus, masculino, heterossexual, onisciente e perfeito, que cria o mundo sem nenhuma intervenção de qualquer força ou divindade feminina. Os seres humanos, punidos por seu pecado, são expulsos desse mundo paradisíaco. Privada de seu caráter sagrado, a natureza deixa de ser uma fonte de abundância para se tornar alvo de uma ganância desenfreada que associa o trabalho ao sofrimento (“O espaço, em outras palavras, foi tirado de nós, e o tempo é a nossa maldição” - HIGHWAY, 2003, p. 32). É, por outro lado, o politeísmo que caracteriza a mitologia grega (e seu prolongamento romano), na qual os deuses e deusas, ligados à força da natureza, não são exclusivamente heterossexuais, e manifestam emoções, sentimentos e fragilidades que os aproximam dos humanos. Eles buscam o prazer e participam da celebração do gozo da natureza. O mundo é criado pelo acasalamento de uma divindade feminina e uma divindade masculina (a Mãe-Terra Gaia e Urano; ou, segundo o mito dos pelasgos, Eurínome e Ofíon). Seres humanos e deuses convivem na Arcádia, uma região paradisíaca abençoada pela Mãe-Terra. O espaço desempenha, então, um papel muito mais importante que o do tempo – este não é linear, e apresenta-se na forma de um círculo, o qual foi rompido com o advento da mitologia cristã.

Highway parte de sua língua materna, na qual não existe gênero, para salientar que a deusa principal da mitologia *crie*, O-ma-ma (a Mãe-Terra) é ele/ela, como o são todos os outros seres vivos (animais, vegetais, minerais).

Isso apesar do fato de a Mãe-Terra ser profundamente feminina em seus atributos quando, sozinha, engendra o mundo. Contrariamente às mitologias cristã e grega, na mitologia do povo *cri*, não se trata de monoteísmo nem de politeísmo, mas de panteísmo: “[o] que significa que toda a natureza – das folhas ao solo à água ao gato na sala de estar ao coração dentro de seu corpo à mulher, ou ao homem, em sua vida – virtualmente pulsa com divindade” (HIGHWAY, 2003, p. 42). O tempo é absolutamente circular, a existência é um círculo infinito de nascimento-morte-renascimento, o que faz com que os ancestrais estejam presentes na vida de seus descendentes, “[...] eles vivem aqui conosco, hoje, no próprio ar em que respiramos, no brilho de uma folha naquela antiga árvore, naquele raio de luz que incide pela sua janela e pousa em seu pulso” (HIGHWAY, 2003, p. 42). Consequentemente, é o espaço que desempenha o papel principal nesse mito fundador: esse paraíso, criado e oferecido pela Mãe-Terra, e que corresponde à América do Norte, é destinado ao gozo e à celebração quotidiana daqueles que o habitam.

É uma imagem marcante que escolheu Tomson Highway para descrever a violência da suplantação da mitologia *crie* pela mitologia cristã, na chegada dos europeus no século XV: “Naquele momento, em outras palavras, o círculo do matriarcado foi perfurado pela linha reta do patriarcado, o círculo do útero, foi perfurado, mais brutalmente, pela linha reta de Falo. E o sangramento foi profuso” (HIGHWAY, 2003, p. 47).

Partindo da constatação que as abordagens autóctones e alóctones em relação ao Outro e à natureza diferem radicalmente, a ideia de submeter a questão do racismo à sua análise é mais que tentadora. É por isso que detalharemos dois textos mencionados no começo desse artigo, publicados no Quebec com quinze anos de intervalo, *Le racisme est nouveau en Amérique* de Georges Sioui (2002) e *Kuei, je te salue – conversation sur le racisme* (2016), de Deni Ellis Bécharde e Natasha Kanapé Fontaine. Ao examinar este corpus, nós nos indagaremos também sobre o alcance das reflexões quebequenses sobre essa questão na medida em que outras regiões do mundo são hoje confrontadas com problemas agudos de coabitação de populações de diversas origens.

## (Re)aparição da voz ausente no diálogo, através de uma reescrita da história

No Canadá, a voz dos autóctones se faz cada vez mais audível, principalmente através da literatura. Uma antologia como *Littérature amérindienne du Québec*, organizada por Maurizio Gatti (2009), permite que o leitor avalie o quanto certos traumas (os pensionatos para autóctones, ou então a situação socioeconômica dos povos autóctones) ainda assombram esses autores. Nessa antologia identificamos um trecho de um texto de Georges Sioui, publicado inicialmente em 2002, em uma obra coletiva intitulada *Écrire contre le racisme: le pouvoir de l'art*. Essa narrativa apresenta a temática do racismo de uma maneira inovadora, procurando identificar as condições de seu surgimento. Através de uma reescrita literária da história, o autor situa a origem do racismo “americano” na época dos primeiros contatos entre europeus e autóctones. Além da narrativa, é igualmente o percurso de seu autor, Georges Sioui, um *huron-wendat*, que nos interpela. E um dos aspectos instigantes do texto é que ele propõe, na sequência de outras reflexões de seu autor, uma possível solução à questão do racismo<sup>6</sup>.

*Le racisme est nouveau em Amérique* (SIOUI, 2002) é uma narrativa plena de intertextualidades. Um curto parágrafo de introdução indica ao leitor que Lahontan, o autor dos célebres *Dialogues avec un Sauvage* (2010 [1703]), foi “chamado do mundo dos espíritos para esclarecer a sociedade moderna que se vê às voltas com o ‘racismo’” (SIOUI, 2002, p. 18). Após essa introdução, diferentes oradores autóctones descrevem suas lembranças dos primeiros contatos com os colonos europeus, dos quais eles foram partícipes e testemunhas. A passagem chave da narrativa é constituída pelo relato de Mahorah, uma jovem autóctone, que conta seu casamento com o chefe da expedição europeia, Jacques Cartier. Embora organizado cronologicamente, à maneira da narrativa histórica do navegador (CARTIER, 1843 [1545]), as palavras de Mahorah destilam uma carga emotiva bem diferente do relato de cunho financeiro e administrativo de Cartier. O fato de dar voz aos autóctones – em uma inversão em relação às posições discursivas às quais a

---

<sup>6</sup> Uma análise mais desenvolvida dessa questão foi objeto de um trabalho de conclusão de curso - graduação em Letras (Francês) (BRUNELIÈRE, 2016).

história eurocêntrica nos acostumou – torna subitamente audível uma subjetividade que havia sido apagada há séculos. Um simples exemplo, relativo ao “mesmo” evento, permite trazer à tona essa diferença fundamental entre os dois textos.

Em seu relato, Cartier apresenta uma cerimônia que, visivelmente, não emociona. Ele assimila a vulgares presentes as crianças que os chefes autóctones lhe propõem como símbolo de uma união de tipo clânica:

Eles começaram a dançar e a cantar como era de costume; e, depois, o dito Dannaconna ordenou aos seus que ficassem todos de um lado, e fez um círculo na areia, e nele colocou o Capitão e sua equipagem; depois, começou uma arenga, segurando a mão de uma menina de cerca de dez anos, depois veio apresentá-la ao dito Capitão, e então todos os súditos do dito Senhor começaram a dar três gritos em sinal de alegria e aliança [...]. Por tal presente recebeu o dito Senhor os agradecimentos do Capitão (CARTIER, 1853 [1845], p. 37, grifo nosso).

Percebe-se, por outro lado, uma carga emotiva muito maior no relato de Mahorah:

Eu era aquela por meio de quem **dois povos iriam se tornar um só**, assim como o senhor, meu tio, havia dito, oferecendo-me ao Capitão Cartier. [...] A **cerimônia** de nosso casamento foi **tão bela**: eu jamais havia visto tanta **solenidade**, tanta **esperança** e **alegria nos rostos do meu povo** (SIOUI, 2002, p. 21, grifo nosso).

Nota-se que a falta de sensibilidade intercultural de Cartier, que se atém apenas aos aspectos superficiais (dança, cantos, arenga e presente) em uma cerimônia ritual de casamento, contrasta fortemente com a descrição subjetiva que Mahorah faz, no texto de Sioui. Embora não seja explicitamente declarado, a concepção desse texto parece se basear em grande parte no que Papillon (2013) identifica como uma estratégia narrativa característica de muitos outros escritores autóctones norte-americanos: o *nusa*. É, de fato, essa maneira tradicional de transmitir informações inserindo-as numa estória que ativa laços emotivos entre aqueles que a escutam, que reconhecemos aqui. É durante a cerimônia de casamento e devido ao tratamento que ela receberá (e descreverá) nas horas seguintes que Mahorah identifica, pela primeira vez em sua vida, e segundo ela, pela primeira vez na América, um racismo que atinge preferencialmente os seres humanos possuidores de três características que “geralmente vêm juntas”: “pobreza, pele escura e crenças diferentes” (SIOUI,

2002, p. 22). Essa apresentação renovada e brutal do racismo e suas origens americanas não pretende se restringir a uma crítica estéril. Ela permite que Sioui desenvolva um sistema argumentativo que propõe pistas originais para ir além dessa situação específica. Mas antes de analisar a continuação do texto, o percurso de seu autor merece a nossa atenção por um momento, na medida em que pode ser indicativo de uma tendência na sociedade canadense.

Georges Sioui é, na verdade, um *huron-wendat* cujo compromisso político-ideológico com seu povo é indubitável. Seu uso do gênero histórico para apresentar suas ideias não é fortuito, considerando que ele foi o primeiro autóctone a obter um doutorado em História do Canadá (Universidade de Laval, 1991). Engajado nas causas dos autóctones, foi reitor do *Saskatchewan Indian Federated College* (hoje chamado *First Nations University of Canada*) entre 1993 e 1997 e presidente do *Institute of Indigenous Government*, em Vancouver, de 1999 a 2001. A proposta de reescrever a história na perspectiva dos autóctones em *Le racisme est nouveau en Amérique* é perfeitamente coerente com as ideias que defende Sioui em outras publicações, como *Pour une autohistoire amérindienne* (1989) e *Histoires de Kanatha* (2009). Para ele, as ideias e os sistemas de valores autóctones não devem ser mais conhecidos em razão de uma simples “preservação cultural”, mas porque eles têm contribuições a fazer para a sociedade contemporânea. Após um primeiro período, na década de 1970, em que “era urgente exprimir sua identidade e suas reivindicações” (GATTI, 2009, p. 20), assiste-se hoje a uma tomada de posição proativa de certos autores autóctones que, no conjunto das vozes canadenses (sejam ela de populações de imigrantes mais antigas ou mais recentes), conseguem tornar audíveis propostas para um melhor convívio no Canadá (e em outros lugares).

Em seu texto, Sioui amplia a questão do racismo, aproximando-a da natureza dominadora e opressiva do homem. A mudança estratégica consiste em declarar que “[n]o fundo, o racismo é apenas uma das manifestações, entre várias outras, de um problema muito mais grave e maior” (SIOUI, 2002, p. 23): a falta de respeito demonstrado pelo homem em relação à Terra e às mulheres, o que traduz uma “negação pelo homem da essência feminina da sociedade” (SIOUI, 2002, p. 22). Essa análise permite identificar uma resposta a essa disfunção, a qual consiste em respeitar “o princípio selvagem e americano (*“amériquain”*) de igualdade e da complementaridade dos homens e das mulheres que são, na realidade, apenas duas metades de um mesmo ser

humano” (SIOUI, 2002, p. 24). Embora o esquema argumentativo proposto não se oponha a nenhum princípio moral, a transição lógica provavelmente poderia ser considerada demasiada frágil por alguns leitores para que subscrevam de imediato ao raciocínio e à filosofia autóctone. Mas, como ressalta Dalie Giroux em sua introdução às *Histoires de Kanatha* (SIOUI, 2009, p. XXVII): “[É] impossível abordar esses textos à ocidental, buscando nele teses e argumentos, refutações e linearidade.” Examinemos, portanto, a partir desse exemplo de texto sobre o racismo, a proposta mais geral de Sioui. Ela consiste em oferecer os valores autóctones tradicionais como possíveis alternativas a certos valores ocidentais os quais se revelam insuficientes para dar conta do conjunto de características da contemporaneidade. Essa proposta é formalizada em outros textos do autor, nos quais ele define o conceito de *américisation* (“americanização”). Após definir *américité* (“americanidade”) como “[o] que é a América na visão de seus povos aborígenes” (SIOUI, 2009, p. 219), isto é, uma visão específica da terra da qual eles são provenientes e com a qual vivem em harmonia, Sioui percebe a necessidade de *américiser* (“americanizar”) o mundo, ou seja, de transmitir esses valores e modos de pensar autóctones às outras culturas. Notemos que a relação entre a cultura local e as outras culturas (e especialmente a da antiga metrópole colonizadora) é aqui considerada de forma totalmente original, se comparada a outros conceitos como os de *americanidade*, no Brasil, de *américanité* no Quebec, ou *americanidad*, na América hispanófono (cf. BERND, 2009)<sup>7</sup>. De fato, ao contrário dos conceitos preexistentes, os quais adotam uma dinâmica globalmente centrípeta (com integração ou não de elementos provindos de outras culturas), o da *américité* tal como é desenvolvido por Sioui, é governado por um movimento centrífugo, de disseminação de seus valores em todas as direções. As trocas entre os membros de culturas distintas não implicam necessariamente uma hierarquia entre eles. Pode-se perfeitamente considerar o diálogo entre homens e mulheres, alóctones e autóctones, na construção conjunta de uma abordagem que permita uma convivência satisfatória. É isso que propõem os autores do segundo texto, que analisamos a seguir.

---

<sup>7</sup> No capítulo intitulado “Américanité: as transferências do conceito”, Bernd analisa, de forma contrastiva e diacrônica, esses conceitos, tais como são compreendidos em diferentes partes das Américas.

## (Re)construção et (re)conhecimento através do diálogo

*Kuei, je te salue – conversation sur la racisme*, publicado em maio de 2016, é uma coletânea de cartas trocadas entre a poeta, *slameuse*, pintora, atriz e ativista dos direitos autóctones, Natasha Kanapé Fontaine, inuíte originária de Pessamit (nascida em 1991), e o romancista e repórter independente quebequense-americano Deni Ellis Bécharde (nascido em 1974, na Colômbia-Britânica). Esse projeto surgiu graças ao encontro de ambos, em abril de 2015, no *Salon du livre de la Côte-Nord*, evento cultural que foi palco de uma violenta altercação entre Natasha Kanapé Fontaine e uma jornalista quebequense do *Journal de Montréal*. Dois meses antes, essa jornalista havia comentado nestes termos – nesse periódico de grande circulação na província – o falecimento de uma menina autóctone, que “[a]poiando-se na lei dos índios do Canadá” havia recusado a quimioterapia:

**Vivemos em um país aparentemente civilizado**, mas onde o politicamente correto faz frequentemente vítimas.

Apoiando-se na lei dos índios do Canadá, uma menina de onze anos, Makayla Sault, morreu de leucemia em Ontario após recusar a quimioterapia. Segundo os médicos, com esse tratamento, a taxa de cura atingiria 75%. Sem a quimioterapia, sua chance de sobrevivência caía para 0%.

Foi a menina que escolheu recorrer à medicina tradicional autóctone, encorajada, **imagina-se**, por seus pais e pelos membros da reserva onde vivia. Uma criança branca não teria tido essa escolha.

**Eis aonde delirantes direitos ancestrais autóctones nos levam**, dando espaço para a charlatanice.

Essa menina faleceu porque é a vítima sacrificial de uma cultura mortífera e anticientífica, uma cultura que vitimiza os autóctones, privando-os da medicina moderna. Essa é a igualdade de direitos no Canadá? (BOMBARDIER, 2015 – grifo nosso).

Durante essa feira do livro – uma das manifestações literárias mais frequentadas pelos inuítes, e que aconteceu em Sept-Iles – Natasha Kanapé Fontaine, acompanhada por um grupo de mulheres inuítes, tinha a intenção de se opor à autora do texto transcrito acima lendo-lhe uma carta “para falar da comunidade inuíte e para falar da cultura autóctone, em tudo o que ela tem de construtiva, iluminada e milenar” (FONTAINE, 2016). A jornalista em questão, no entanto, “tomou o microfone, cortou a palavra da jovem autóctone e falou mais alto do que ela” (RHÉAULT, 2016) para ler-lhe sua

própria definição de “ameríndio”, tal como figura em seu *Dictionnaire amoureux du Québec* (BOMBARDIER, 2014).

É contra esse tipo de discurso autoritário e repressivo, o qual deseja silenciar o outro e impor uma visão única dos fatos, que o diálogo epistolar entre Natasha Kanapé Fontaine e Deni Ellis Bécharde se insurge. Seu livro apresenta um conjunto de vinte e seis cartas trocadas durante o outono de 2015, as quais se destinam a ser uma conversa franca sobre o racismo entre autóctones e alóctones. Seguindo esse fio condutor, instala-se um debate de ideias mais amplo, abordando temas da atualidade como as ações do movimento *Idle No More* (fundado em 2012), as agressões sofridas pelas mulheres autóctones à Val d’Or (2015) ou ainda o relatório da *Commission de vérité et de réconciliation* (2015), a qual denuncia o genocídio cultural dos povos originários canadenses cometido nos pensionatos para autóctones.

A fim de combater o desconhecimento mútuo que alimenta o medo recíproco entre autóctones e alóctones, os autores não hesitam em reconsiderar sua trajetória pessoal a fim de identificar comportamentos, raciocínios ou palavras que levam insidiosamente ao racismo. Se Natasha Kanapé Fontaine se questiona sobre seu “racismo interior”, Deni Ellis Bécharde reflete sobre a sua adolescência nos Estados Unidos, quando reproduzia, sem perceber, o comportamento racista de seus colegas ou de seus parentes em relação aos negros, e conclui: “Não ser racista exige estar consciente do racismo que impregna todos os estratos de nossa sociedade” (BÉCHARD; FONTAINE, 2016, p. 101; 117).

O romancista e repórter quebequense-americano denuncia tanto os “privilégios invisíveis” que legitimam os grupos no poder quanto a mitologia exotizadora criada em torno das culturas autóctones. Como escapar dessa abordagem redutora? Entre os instrumentos e estratégias que permitem compreender melhor o Outro, sua maneira de raciocinar e de ver o mundo, está sua língua materna. Assim, quando a poeta inuíte ressalta que a palavra “liberdade” não existe no idioma *innu-aimun*, e indica que a expressão que mais se aproxima desse conceito é *nitapenitamitshishin* (“eu sou mestre de mim mesmo”), Ellis Bécharde associa esse conceito às ideias defendidas pelo budismo, admitindo, no entanto, ser incapaz de refletir sobre as especificidades da filosofia inuíte sem recorrer a seus conhecimentos europeus ou orientais. Ele lamenta esse apagamento da cultura autóctone e

de sua visão de mundo, apagamento que é uma consequência nefasta da colonização:

[...] se o reencontro das culturas autóctones e europeias tivesse sido mais pacífico, milhares de pessoas seguiriam hoje o caminho de *nitapenitamitshishin*, assim como milhares viajam para Índia e para os países da Ásia, a fim de estudar os ensinamentos hindus e budistas (BÉCHARD; FONTAINE, 2016, p. 82-83).

Já Kanapé Fontaine insiste na necessidade de um esforço coletivo para transcender as “feridas da colonização” e criar as condições necessárias para um novo encontro que traga “um enriquecimento mútuo” (BÉCHARD; FONTAINE, 2016, p. 82-113). Béchard e Fontaine salientam que tal encontro é necessariamente baseado na empatia, na medida em que esse mecanismo universal de convivência permite reforçar a coesão de um grupo ao combater o medo do Outro. Esse medo decorre geralmente de um processo de desumanização vinculado às disputas por riquezas (as riquezas do Outros, as quais cobizamos; ou as nossas, que tememos que o Outro nos tome).

Sabe-se o quanto a imensidão e a abundância do território das Américas excitou a ganância dos invasores. Antes do genocídio cometido pelos colonos europeus, os autóctones mantinham laços profundos e sagrados com a Terra. No caso específico da sociedade inuíte, matrilinear e de espiritualidade animista, esses laços estavam sob a égide de uma divindade feminina:

As mulheres vestiam [portanto] seus homens em seus mais belos trajes para que fossem ao encontro da Mulher do espaço. [...] Era preciso que seus homens estivessem bonitos e que agradassem à Mulher do espaço para garantir uma boa caça a toda comunidade. Se elas fossem bem sucedidas, os homens voltavam com caça em abundância. E festejava-se, fazia-se o *makusham*, para agradecer a cada espírito que havia acompanhado os caçadores e protegido o clã, igualmente. Cada geração aprendia a agradecer por aquilo que obtinha, para, através dessa gratidão, assegurar-se de continuar obtendo essas dádivas (BÉCHARD; FONTAINE, 2016, p. 40, grifo nosso).

Esses exemplos são reveladores das contribuições da língua e da cultura inuíte para uma reflexão sobre o convívio e sobre as relações com a natureza: embora a liberdade seja baseada na responsabilidade pessoal de todos, são as noções de empatia e de cooperação – para com os outros, para com o meio ambiente – que tecem os laços sociais. Além disso, quando se

compreende o papel preponderante desempenhado pelas mulheres nessa sociedade, os fatos relativos à violência e à discriminação contra as mulheres autóctones abordados por Natasha Kanapé Fontaine e Deni Ellis Bécharad ao longo de suas cartas deixam de ser um mero indicador de uma disfunção socioeconômica, passando a denunciar uma relação doentia com a Mãe-Terra e, em última instância, com a própria vida.

Natasha Kanapé Fontaine e Deni Ellis Bécharad incentivam seus leitores a se abrir ao Outro para melhor se construir, através da empatia, do (re)conhecimento e da palavra escrita. Eles dirigem-se particularmente aos jovens alóctones, autóctones e seus professores, e os encorajam a iniciar um debate e um diálogo cujas etapas constam no dossiê pedagógico proposto ao fim de *Kuei, je te salue – conversation sur le racisme*: “Discussão em aula sobre a questão do racismo”; “Projetos de trocas de correspondência entre alunos/alunas de diferentes comunidades e culturas”; “Outros projetos a serem realizados em grupo” (BÉCHARD; FONTAINE, 2016, p. 148-156).

## **As Américas autóctones: uma incubadora de ideias para o mundo?**

A contemporaneidade nos lembra incessantemente as dificuldades que as diferentes sociedades enfrentam para ultrapassar seus medos. Seja a apropriação violenta de territórios tradicionalmente autóctones no Brasil a fim de desenvolver projetos em favor da “civilização”, sejam as políticas de rejeição dos imigrantes que o governo de Donald Trump esboça desde o início, ou ainda os debates e tensões intermináveis decorrentes da chegada massiva de refugiados do Oriente Médio na Europa, parece pouco provável que o mundo possa aproveitar soluções inovadoras na direção de um melhor convívio.

Por outro lado, as ideias de Highway, Sioui, Kanapé Fontaine et Ellis Bécharad analisadas nesse artigo vão na mesma direção do que afirma Zilá Bernd em *Américanité et mobilités transculturelles*, quando ressalta que “[p]enetrar o imaginário das Américas [...] poderá nos trazer respostas eficazes para as situações de assimetria cultural, e revelar estratégias de crioulização e miscigenação surpreendentes” (2009, p. 8). Isso confirma também a afirmação de Bernd e Imbert, de que, quando se pensa nas Américas em uma perspectiva cultural, quanto mais nos aproximamos da contemporaneidade, mais os

paradigmas binários nos quais se baseiam as comparações se deslocam “em direção ao fluído e ao múltiplo” (2015, p. 1).

A abordagem comparativa de Tomson Highway evidencia, entre outras, as relações com o tempo e com o espaço (e, portanto, com território) das mitologias cristã, grega e *crie*. O dramaturgo, escritor e músico *crie* salienta a violência sofrida pelas culturas autóctones canadenses, cujos laços sagrados com a Mãe-Terra – aos quais remete a tomada de consciência ecológica crescente de nossa época – foram rompidos pelo cristianismo. Analogamente, o *huron-wendat* Georges Sioui sublinha a relação com a Terra e concebe seu projeto de *americização* para além dos limites estritos das fronteiras canadenses:

Após cinco séculos de “americização” da América e do mundo, existe uma forte corrente de pensamento mundial de que está na hora pensar nas fontes e raízes da própria vida, que estão na terra, que é uma. É preciso americanizar a América. É preciso reparar e cuidar do mundo inteiro (SIOUI, 2009, p. 219).

Transcender as feridas coloniais para estabelecer um diálogo entre autóctones e alóctones baseado na empatia e “(n)os encontros de si mesmo consigo, de si mesmo com o outro” (BÉCHAR; FONTAINE, 2016, p. 104) é o desafio da inuíte Natasha Kanapé Fontaine e do quebequense-americano Deni Ellis Béchar. O título de sua obra conjunta (*Kuei, je te salue*), que coloca lado a lado, nas duas línguas, inuíte e francês, uma saudação – e, portanto uma marca de reconhecimento do outro – é emblemático do transcultural, tal como o descrevem Bernd et Imbert:

Falar sobre transcultural é negociar uma relação dialógica com um ato que afirma que, mesmo que eu passe por códigos específicos de um grupo para me expressar [...] **também estou cumprindo uma promessa, a de pertencer, à distância, a mitos e grandes narrativas de legitimação e a de reconhecer que os outros, por sua vez, também pertencem a si mesmos.** [...] Esse ato de fala, essa declaração que afirma que eu me pertencço cria uma situação real e nova em que **as partes envolvidas são modificadas por esse ato linguístico que escapa tanto à vitimização pela história quanto à lembrança do ato violento para abrir a possibilidade de inventar uma nova narrativa das Américas** (2016, p. 5, grifo nosso).

Afinal, na busca de uma renovação dos paradigmas para refletirmos sobre a contemporaneidade, fica evidente o interesse de não nos

concentrarmos exclusivamente nas sociedades que favorecem as correntes hegemônicas. Percebe-se, na verdade, que uma sociedade que ainda pode contar com a vitalidade de seus povos originários e instituir em seus textos fundamentais (CANADA, 2012) o princípio do multiculturalismo<sup>8</sup>, como no caso da sociedade canadense, poderia desempenhar o papel de um laboratório do convívio saudável em prol de todos os seres humanos que povoam o nosso planeta.

## Referências

BÉCHARD, Deni Ellis; FONTAINE, **Natasha Kanapé**. **Kuei, je te salue. Conversation sur le racisme**. Montréal: Écosociété, 2016.

BERND, Zilá. **Américanités et mobilités transculturelles**. Laval: Presses de l'Université de Laval, 2009.

BOMBARDIER, Denise. **Dictionnaire amoureux du Québec**. Paris: Plon, 2014.

BOMBARDIER, Denise. La culture autochtone qui tue. **Le journal de Montréal**, 2015. Disponível em: <<http://www.journaldemontreal.com/2015/01/21/la-culture-autochtone-qui-tue>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

BOUCHARD, Gérard; TAYLOR, Charles. **Fonder l'avenir. Le temps de la réconciliation. Rapport de la commission de consultation sur les pratiques d'accommodement reliées aux différences culturelles**. Québec: Bibliothèque et archives nationales du Québec, 2008. Disponível em: <<https://www.mce.gouv.qc.ca/publications/CCPARDC/rapport-final-integral-fr.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

BRUNELIÈRE, Jean-François. **La littérature comme outil d'affirmation de l'identité amérindienne: renversements de perspectives dans «Le racisme est nouveau en Amérique» de Georges Sioui (2002)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras-Francês), orientadora: Luciana Wrege Rassier. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <<http://www.lle.cce.ufsc.br/docs/tccs/ef7c370e03b88dbf fa18bd100c871cdc.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

---

<sup>8</sup> O artigo 27 da lei constitucional de 1982 estipula que “[t]oda interpretação da presente carta deve concordar com o objetivo de promover a manutenção e a valorização do patrimônio multicultural dos Canadenses.”

CANADA. Ministère de la Justice. **Codification administrative des lois constitutionnelles de 1867 à 1982**. Ottawa (Ontario): Éditions et Services de dépôt Travaux publics et Services gouvernementaux, 2012. Disponível em: <[http://lois-laws.justice.gc.ca/PDF/CONST\\_F.pdf#page=69](http://lois-laws.justice.gc.ca/PDF/CONST_F.pdf#page=69)>. Acesso em: 4 dez. 2016.

CARTIER, Jacques. **Voyages de découverte entre les années 1534 et 1542**, par Jacques Quartier, le Sieur de Roberval, Jean Alphonse de Xanctoine &c. Réimprimés sur d'anciennes relations et publiés sous la direction de la société littéraire et historique de Québec. Québec: William Cowan et fils, 1843 [1545].

FONTAINE, Natasha Kanapé. «**Kuei, je te salue**: un livre sur le racisme écrit après une confrontation avec Denise Bombardier». *Radio-Canada.ca*, 2016. Disponível em: <<http://ici.radio-canada.ca/nouvelle/781262/kuei-livre-racisme-bombardier-fontaine-bechard>>. Acesso em 10 fev. 2017.

GATTI, Maurizio. **Littérature Amériquienne du Québec. Écrits de langue française**. Saint-Laurent (Québec): Bibliothèque québécoise, 2009

HIGHWAY, Tomson. **Comparing Mythologies**. Ottawa: University of Ottawa Press, 2003.

IMBERT, Patrick; BERND, Zilá (Dir.) **Envisager les rencontres transculturelles Brésil- Canada**. Laval: Presses de l'Université Laval, 2015.

KYMLICKA, Will. **Multicultural Odysseys**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

LAHONTAN, Louis-Armand de. **Dialogues avec un Sauvage**, suivi de LAHONTAN-

GUEUDEVILLE, **Conversations de l'auteur avec Adario, Sauvage distingué**, OUELLET, Réal (éd.). Montréal: Lux, 2010 [1703].

LE MOING, Ariane. **La crise des accommodements raisonnables au Québec: quel impact sur l'identité collective?, Mémoire(s), identité(s), marginalité(s) dans le monde occidental contemporain – Cahiers du MIMMOC**, 2016. Disponível em: <<http://mimmoc.revues.org/2458>>. Acesso em 10 fev. 2017.

PAPILLON, Joëlle. Imaginaires autochtones contemporains. **Temps zéro**, n. 7, 2013. Disponível em: <<http://tempszero.contemporain.info/document1065>>. Acesso em 13 set. 2016.

POTVIN, Maryse et al. **Crise des accommodements raisonnables: une fiction médiatique?** Outremont: Athéna Edition, 2008.

QUÉBEC. **Le premier ministre énonce sa vision et crée une commission spéciale d'étude.** 2007. Disponível em: <https://www.premier-ministre.gouv.qc.ca/actualites/communiqués/details.asp?idCommunique=923> >. Acesso em 15 dez. 2016.

RHÉAULT, Marie-Michèle. «**Kuei, je te salue** ou le point de départ d'une réflexion essentielle sur le racisme», *Françoise Stéréo*, 2016. Disponível em: <<http://francoisestereo.com/kuei-je-te-salue-ou-le-point-de-depart-dune-reflexion-essentielle-sur-le-racisme>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

SIOUI, Georges. **Pour une autohistoire amérindienne. Essai sur les fondements d'une morale sociale.** Québec: les Presses de l'Université Laval, 1989.

SIOUI, Georges. Le racisme est nouveau en Amérique. In: Collectif. **Écrire contre le racisme: le pouvoir de l'art.** Montréal: Les 400 coups, 2002.

SIOUI, Georges. **Histoires de Kanatha. Vues et contées. Histories of Kanatha. Seen and Told.** Ottawa: University of Ottawa Press, 2009.

WEINSTOCK, Daniel. La «crise» des accommodements au Québec: hypothèses explicatives. **Éthique publique**, v. 9, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://ethiquepublique.revues.org/1780>>. Acesso em 10 fev. 2017.

Recebido em 30 de abril de 2018.

Aceito em 28 de maio de 2018.